



A Interdisciplinaridade e o Serviço Social: estudo das relações entre profissões

Interdisciplinarity and Social Work: study of relations between professions

EDIANE MOURA JORGE*

REINALDO NOBRE PONTES**



RESUMO – O presente artigo trata das relações profissionais entre Assistente Social, Pedagogo e Psicólogo e estuda como se dá o diálogo entre esses sujeitos profissionais, no processo de intervenção da realidade comum no Centro de Referência Especializado da Assistência Social-CREAS em Belém. Analisam-se se nesse espaço de trabalho as relações entre os profissionais alcançam ou não o nível da interdisciplinaridade. A metodologia utilizada baseia-se em pesquisa qualitativa fundamentada no método dialético-crítico. Encontram-se aproximações de práticas interdisciplinares, mostrando ser possível adotar a perspectiva de interdisciplinaridade quando se constroem condições objetivas para seu exercício.

Palavras-chave – Interdisciplinaridade. Serviço Social. Assistência Social.

ABSTRACT – This article deals with the professional relations between Social Worker, Pedagogue and Psychologist and studies how the dialogue between these professional subjects takes place in the process of intervention in the common reality in the Specialized Reference Center for Social Assistance - CREAS in Belém. Study if this relations between professionals reach or not the level of interdisciplinarity. The methodology used is based on qualitative research grounded on the dialectical-critical method. We find approximations of interdisciplinary practices showing that it is possible to adopt the perspective of interdisciplinarity when constructing objective conditions for its exercise.

Keywords – Interdisciplinarity. Social Work. Social assistance.

* Assistente Social. Mestre em Serviço Social pelo Programa de Mestrado em Serviço Social pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém – PA/Brasil. CV: <http://lattes.cnpq.br/3709468617811436>. E-mail: edianemj@gmail.com.

** Doutor em Sociologia pela Universidade Complutense de Madri – Espanha. Professor adjunto da Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém – PA/Brasil. CV: <http://lattes.cnpq.br/8577276734482884>. E-mail: rpontes@ufpa.br.

Submetido em: janeiro/2017. Aprovado em: maio/2017.

Este artigo é resultado de uma Dissertação de Mestrado que trata de analisar e compreender a relação do Serviço Social como profissão mediatizada pela intervenção profissional do assistente social, durante a atuação conjunta com outros profissionais da área social, em uma perspectiva de interdisciplinaridade no espaço de trabalho do Centro de Referência Especializado da Assistência Social-CREAS, em Belém-Pará/Brasil, sendo este um espaço de Política Pública do Estado, que, para sua operacionalização, requer conhecimentos e ações profissionais em face de obrigações ético-políticas, considerando o campo das formações profissionais dos conhecimentos disciplinares.

Diferentes disciplinas em interação em um espaço de trabalho podem trocar experiências através de um encontro e tecer diálogos que possam proporcionar diferentes formas de enxergar e abordar uma realidade de trabalho. Consideramos, então, a Interdisciplinaridade como um conceito de análise porque trata de como o assistente social utiliza ou incorpora esse conhecimento à sua prática profissional, e como acontece a relação e encontro com outros sujeitos profissionais. A proposta deste texto é apresentar como os profissionais do Serviço Social, da Psicologia e da Pedagogia, em intervenção conjunta no CREAS de Belém-Pará, vem experienciando a intervenção interdisciplinar e como são superadas as dificuldades e contradições das abordagens específicas dos conhecimentos disciplinares pelos profissionais de diferentes áreas.

Considerando, assim, que o conhecimento dessas profissões está ligado a uma ação sobre a realidade, este trabalho propõe discutir as diferentes ações que podem surgir em um espaço físico, social e institucional com sujeitos diferenciados agindo sobre determinada realidade. A direção desse trabalho profissional pode pressupor consenso entre os diferentes sujeitos, todavia, no terreno das Ciências Sociais, torna-se complexo analisar estes trabalhos profissionais, tão distintas em suas formas de conhecer e intervir sobre a realidade.

Portanto, a reunião de profissionais especializados para intervir na realidade revela uma necessidade de pensar e executar ações coletivas, e, assim, na dimensão da prática profissional, este encontro entre conhecimentos profissionais é colocado para investigação, pois pressupondo que o mesmo exige uma abertura e atitude na direção do diálogo, do inter, do fazer-com-o-outro, é este encontro ou relação que nos faz indagar sobre as intervenções na realidade social e sobre esse conhecimento da interdisciplinaridade aplicado a um espaço público.

Desta maneira, a presente reflexão apresenta-se organizada em três partes: uma que traz alguns fundamentos teóricos e referenciais acerca dos conceitos de multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade relacionados e transversalizados como produção de conhecimentos no campo das Ciências Sociais; uma segunda que apresenta alguns dados resultantes da pesquisa de campo que originou este artigo, e que mostram os diferentes profissionais em interação e diálogo, trazendo uma análise sobre a existência de um espaço de trabalho com a perspectiva da Interdisciplinaridade. Encerramos as reflexões com algumas considerações finais sobre a possibilidade de trabalho na perspectiva de Interdisciplinaridade pelos profissionais, para atender as demandas da Política de Assistência Social.

A interdisciplinaridade nas ciências sociais

Pensar a Interdisciplinaridade em um espaço público municipal de uma Política Social, em um contexto de correlações de forças entre classes e contradições sociais na sociedade capitalista, nos permitirá explorar um campo teórico da relação entre sociedade e conhecimento. Assim, apresentaremos uma breve história da origem dos debates sobre a Interdisciplinaridade e as discussões sobre a fragmentação das Ciências.

A Interdisciplinaridade como debate filosófico-científico surge num período de crise de paradigmas das Ciências (SANTOS, 1988), um período de críticas à Ciência Moderna. Portanto, temos que considerar o movimento e a evolução na história do desenvolvimento do conhecimento humano sobre a natureza, e

que “toda ciência da sociedade não é senão elemento de uma visão de conjunto, uma filosofia, uma concepção do mundo, portanto, não é uma descrição puramente objetiva, factual da realidade” (LOWY, 2010, p. 31).

Assim, pensar a Ciência exige analisá-la em seu processo histórico, o desenvolvimento de sua legalidade e sua hegemonia sobre o conhecimento e sobre a sociedade, especificamente o movimento histórico do século XIX, no qual se deu o crescimento das Ciências junto com o avanço do capitalismo, para identificar o crescimento das disciplinas profissionais e discorrer sobre a Interdisciplinaridade.

Iniciamos pelos gregos, com as suas ideias sobre o Cosmos, ou seja, uma ordem estabelecida, um princípio ordenador e regulador das coisas (CHAUÍ, 2002, p. 504); criaram a *enkúklios paidéa* (do latim, *orbis doctrinae*), um tipo de ensino geral sobre gramática, dialética, retórica, aritmética, geometria, música, astronomia, segundo Japiassu (1976), um tipo de ensino total sobre cultura geral:

[...] O saber só podia exercer-se no âmbito da totalidade. O conhecimento do particular só tinha sentido na medida em que remetia ao todo. A esse esquema epistemológico global corresponde uma *pedagogia unitária*. Os mestres gregos, particularmente os sofistas, foram os criadores da “cultura geral” (JAPIASSU, 1976, p. 46-47).

A cultura geral da educação grega, pelos sofistas, era um saber de totalidade, um tipo de conhecimento universal, uma pedagogia democrática, sendo os sofistas considerados os primeiros professores que recebiam pagamentos pelo ensino no campo da educação. Esse uno foi fragmentado, tornou-se múltiplo. Heráclito dizia que “tudo é um”, acreditava que a multiplicidade era uno e o uno também era múltiplo; esse pensamento, base de alguns dos ensinamentos dos sofistas, diziam da totalidade do saber, que considerava que a unidade dava origem à multiplicidade das coisas e esse saber uno e múltiplo passaria a ser visto, posteriormente, pela multiplicidade (CHAUÍ, 2002).

O século XVI trouxe a revolução científica de Copérnico, Galileu e Newton e as Ciências Naturais. O século XIX trouxe a emergência das Ciências Sociais – e também institucionalizou uma variedade de disciplinas do conhecimento considerado científico. Dessa forma, na transição do feudalismo ao capitalismo, aparecem as possibilidades das especificações da Ciência (JANTSCH; BIANCHETTI, 1995). Institucionalizava-se a Ciência Moderna, trazendo novas visões de mundo e mudanças de paradigmas. E com ela a multiplicação de disciplinas e especializações sobre o conhecimento das distintas realidades e ações correspondentes.

Todavia, é válido refletir que essa fragmentação teve um processo histórico que evoluiu de acordo com a evolução da sociedade capitalista. Antes, a realidade que era considerada um todo racional, passou a ser esfacelada em pequenos fragmentos do conhecimento do real, limitando o papel da razão humana e da sua práxis com o surgimento das relações capitalistas. O conhecimento do todo, considerado verdadeiro, foi limitado em ciências particulares. Dessa maneira, consideramos que a rápida evolução do processo de especializações da Ciência também mascarou a compreensão das contradições que surgiam com a positividade da sociedade capitalista (COUTINHO, 2010).

Na pesquisa acadêmica, a Interdisciplinaridade vai apresentar-se como uma necessidade de se opor a um tipo “tradicional do saber”, que compartimentaliza os conhecimentos científicos fazendo com que a mesma se afirme como uma “reflexão epistemológica sobre a divisão do saber em disciplinas, para extrair suas relações de interdependências e de conexões recíprocas” (JAPIASSU, 1976, p. 54). Assim, a Interdisciplinaridade se apresentaria como uma necessidade de trocas entre as especificidades e como uma integração entre disciplinas.

Propomos trabalhar alguns conceitos do que se compreende por Interdisciplinaridade e a sua relação com a Multidisciplinaridade ou Pluridisciplinaridade e Transdisciplinaridade. Alguns conceitos ligados à filosofia do sujeito e ao campo da pós-modernidade¹ consideram a Interdisciplinaridade como uma ponte entre as fronteiras das disciplinas, pontes que proporcionam interações, incorporam

conhecimentos de outras disciplinas absorvendo outros instrumentos e métodos, que levam os conhecimentos específicos a integrar-se e convergir, resultando na Interdisciplinaridade.

Nosso enfoque sobre Interdisciplinaridade será de que a mesma precisa ser pensada a partir de uma totalidade histórica (crítica histórico-dialética), onde são necessárias condições objetivas, sociais e históricas para o seu desenvolvimento. Não há como determinar uma forma do interdisciplinar, visto que ela se desenvolve em particularidades da história social, na materialidade, não é conhecimento absoluto, mas princípio norteador a uma realidade (JANTSCH; BIANCHETTI, 1995).

Não há como determinar uma forma do interdisciplinar, visto que ela se desenvolve em particularidades da história social, na materialidade, não é conhecimento absoluto, mas princípio norteador a uma realidade (JANTSCH; BIANCHETTI, 1995).

Portanto, são várias as análises sobre o conceito de Interdisciplinaridade; estudá-la exige trabalhar algumas outras concepções importantes, exige discorrer sobre algumas formas de apreensão de outras perspectivas vinculadas a ela, como a Multidisciplinaridade ou Pluridisciplinaridade e a Transdisciplinaridade. O exame de tais concepções será necessário para chegar ao que seria uma introdutória aproximação sobre a Interdisciplinaridade.

É importante registrar que a concepção de Interdisciplinaridade é produzida no seio de um movimento histórico de crise de paradigmas das ciências sociais que: criticava as excessivas especializações da produção do conhecimento; procurava responder a uma exigência do mundo da produção que buscava fazer avançar as indústrias, unindo profissionais e cientistas de diferentes especialidades no objetivo comum do aumento da produção e elevação da eficiência, do lucro e, por suposto, aumento da mais valia relativa (JANTSCH; BIANCHETTI, 1995); e que, a partir da década de 1970, a crise impulsionou novas reflexões teóricas de interpretação do real, a exemplo do que chamou-se de “crise do marxismo” e a falência do “socialismo real” (NETTO, 1991).

Refletimos, assim, que discutir a Interdisciplinaridade passa por diferentes visões sociais de mundo, ideologias que respondem a interesses de classes e determinadas realidades sociais. Incluindo-se a reflexão de que a Interdisciplinaridade, também, relaciona-se a um processo de divisão social e técnica do trabalho que possui poder ideológico.

Primeiro, podemos dizer “eu não sei como se faz interdisciplinaridade”. Queremos apenas “desenvolver perante vós um esforço explicativo capaz de permitir compreender alguma coisa daquilo que se pensa sobre a interdisciplinaridade” (POMBO, 2004, p.1). Uma tarefa que ainda é inacabada no campo da epistemologia, ensino e pesquisa; concluímos que no campo da ação e prática profissional constitui um desafio constante.

Existe uma grande dificuldade de estabilidade sobre a definição e conceito da Interdisciplinaridade, Pombo (2008), ao investigar sobre a epistemologia da interdisciplinaridade, discorre sobre o que chama de fenômeno do emprego da palavra e seu uso em variados contextos,

[...] um *contexto epistemológico*, relativo às práticas de transferência de conhecimentos entre disciplinas e seus pares. [...] *Contexto pedagógico*, ligado às questões do ensino, às práticas escolares, às transferências de conhecimentos entre professores e alunos que tem lugar no interior dos currículos escolares, dos métodos de trabalho, [...] um *contexto mediático*. A palavra interdisciplinaridade é constantemente resgatada pelos novos meios de comunicação que fazem dela uma utilização selvagem, abusiva, caricatural (POMBO, 2008, p. 10-11) (grifos do autor).

A grande dificuldade apresenta-se no uso abusivo da categoria como palavra que traduz algum tipo de relação mais próxima; e a equivocada interpretação empírica de que basta um grupo de diferentes profissionais para se formar um trabalho interdisciplinar, ou de que basta formar um grupo de pesquisa com diferentes áreas do conhecimento para se fazer interdisciplinaridade, levando-nos a uma não compreensão do que seja, exatamente, essa Interdisciplinaridade, a qual pode também ser entendida

como “uma tendência à horizontalização das relações de poder entre os campos implicados” e que exige “a identificação de uma problemática comum, com levantamento de uma axiomática teórica ou política básica e de uma plataforma de trabalho conjunto” (VASCONCELOS, 2002, p. 47).

Assim, refletida no campo da prática, significa dizer que práticas interdisciplinares sugerem uma democratização do conhecimento, que cria novos campos teóricos e até mesmo novas disciplinas como a psicopedagogia, por exemplo.

Temos ainda outra análise permeada de contradições, a perspectiva de Interdisciplinaridade está associada, entrelaçada a outras três perspectivas: a *multidisciplinaridade* ou *pluridisciplinaridade* e a *transdisciplinaridade*. Torna-se improvável tecer concepções ou limites às suas interpretações, para tentar explicitá-las apresentamos a proposta de Pombo (2008) a partir da análise da etimologia dos prefixos multi ou pluri, inter e trans; assim, temos em sua proposta terminológica princípios que apresentam-se como um paralelismo entre as várias disciplinas, uma justaposição que as colocam lado a lado; para, então, seguir evoluindo para uma comunicação maior entre as disciplinas, nas quais elas se confrontam, discutem, aproximam seus conhecimentos disciplinares por meio de uma interação mútua; e por fim chegar a uma ultrapassagem de barreiras que irá fundir as disciplinas em algo que transcende a todas, uma fusão.

Seria, portanto, uma proposta de definir as três palavras num continuum de desenvolvimento, sendo que a interdisciplinaridade seria o intermédio, o intercalar dessa evolução do conhecimento – “o lugar onde se pensa hoje a condição fragmentada das ciências e onde, simultaneamente, se exprime a nossa nostalgia de um saber unificado” (POMBO, 2004, p. 15).

Vejamos outra análise sobre os conceitos de Multidisciplinaridade ou Pluridisciplinaridade, Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade. Utilizando outra concepção de Vasconcelos (2002), temos a multidisciplinaridade como uma multiprofissionalidade onde profissionais de diferentes disciplinas atuam separadamente; temos a interdisciplinaridade como horizontalização das relações entre as disciplinas; e a transdisciplinaridade como a criação de um novo campo teórico de disciplinas mais amplas (VASCONCELOS, 2002).

Sobre a *multidisciplinaridade/pluridisciplinaridade*, temos que as concepções nos parecem as mesmas, não há avanço de fronteiras disciplinares, cada disciplina permanece isolada, sem cooperação e troca de informações profundas. São interações superficiais para o desenvolvimento de um objetivo ou finalidade.

Abrimos um parêntese para discorrer sobre a *transdisciplinaridade*, considerando a “Carta da Transdisciplinaridade”² com uma perspectiva – que para alguns significa a evolução da multidisciplinaridade/pluridisciplinaridade e interdisciplinaridade – que nasce no campo da pós-modernidade e propõe novos valores à humanidade.

No que se refere à Interdisciplinaridade, Fazenda (1996) apresenta algumas características como a intensidade das trocas entre os especialistas pelo grau de integração real das disciplinas, o que nos faz refletir sobre a importância dos sujeitos na intensidade dessa troca e integração das disciplinas. Os sujeitos adquirem protagonismo na construção da Interdisciplinaridade – é o estar em disponibilidade e aberto à construção de algo novo.

Dessa forma, ser sujeito protagonista requer incorporar o conhecimento de Interdisciplinaridade a uma práxis profissional, e isso nos levará a uma breve reflexão sobre Práxis3. “Referimo-nos, portanto, à atividade prática social, transformadora, que responde a necessidades práticas e implica certo grau de conhecimento da realidade que transforma e das necessidades que satisfaz” (VÁZQUEZ, 2011, p. 260). Desta maneira, nossa reflexão é sobre um tipo de práxis política em que o homem é sujeito e objeto de sua práxis, atuando sobre si mesmo e transformando-se como ser social, “por isso destinado a mudar suas relações econômicas, políticas e sociais”; e sendo transformadora, age sobre a plena emancipação humana por meio de uma participação política na sociedade. Uma prática emancipatória de um homem consciente de si que “humaniza os objetos e humaniza a si mesmo” libertando-se de opressões (VÁZQUEZ, 2011, p. 232-234).

Refletida a práxis como emancipação humana, temos um exercício profissional que por meio da Interdisciplinaridade aproxima diferentes conhecimentos disciplinares separados pelas especializações das ciências. Implica dizer, então, que há uma intencionalidade e uma finalidade às práticas interdisciplinares, e isso nos leva ao campo da Ética; e acrescentando a reflexão de uma finalidade ética e política para a Interdisciplinaridade por meio da práxis profissional caminhamos por uma concepção de que:

Projetar ações, orientando-as para a objetivação de valores e finalidades, é parte da práxis. Afirmar que essa projeção é ética e política significa considerar que a teleologia implica valores e que sua objetivação supõe a política como espaço de luta entre projetos diferentes (BARROCO, 2007, p. 65).

Significa que a finalidade da “práxis” deverá ser o caráter coletivo que atenda necessidades sociais com “desdobramentos éticos e políticos” para o coletivo, ou seja, Interdisciplinaridade, consenso e coesão são necessários para unir profissionais em torno de valores e finalidades comuns no atendimento de necessidades humanas e sociais (BARROCO, 2007).

Assim, aproximação e interação entre profissões ou disciplinas científicas visam alcançar e atender as demandas de necessidades humanas geradas pelas expressões da questão social, fundadas nas desigualdades e divisão de classes sociais em disputa no modo de produção capitalista.

Portanto, ao atender demandas sociais de um espaço de trabalho, os profissionais atendem necessidades de indivíduos, famílias e comunidades, esse atendimento tem a finalidade de satisfazer uma necessidade humana, em se tratando do espaço de trabalho de uma Política Pública de Assistência Social.

Esse atendimento é referenciado por concepções teórico-metodológicas e ideológicas que podem levar ou não à essência da realidade que se apresenta como demanda aos profissionais. Assim, caminhamos para uma reflexão de que o exercício da Interdisciplinaridade requer uma convergência comum na direção de um homem, uma mulher e uma sociedade emancipados, com plenos direitos em todas as esferas da vida humana, seja saúde, educação, alimentação, assistência social, etc.

Consideramos, então, que as profissões em práticas interdisciplinares adquirem uma finalidade ético-política, é a *emancipação humana* como uma finalidade da Interdisciplinaridade. Significa dizer que disciplinas científicas exercem papel ou protagonismo fundamental na “construção de uma concepção do mundo” (COUTINHO, 2010, p. 96) que leva a uma práxis política.

Implica dizer que inferimos uma Interdisciplinaridade como possibilidade de prática social que pode responder as demandas práticas do trabalho, por meio de uma perspectiva de totalidade que se move num meio e ambiente contraditório, complexo e histórico, como o CREAS.

A relação entre diferentes profissões requer uma prática que possibilita o exercício de Interdisciplinaridade no espaço de trabalho e que proporcione aos seus sujeitos profissionais apreenderem que são sujeitos trabalhadores, que exercem suas profissões numa divisão social e técnica do trabalho numa sociedade de relações capitalistas, e que ao se apropriarem da perspectiva de Interdisciplinaridade na sua práxis profissional buscam uma forma de emancipação para as necessidades de outros sujeitos, público de seu exercício de trabalho.

Olhares plurais da interdisciplinaridade: análise dos dados da pesquisa

A Assistência Social pública em âmbito nacional foi se constituindo, no Brasil, como um instrumento do Estado de enfrentamento às expressões da questão social brasileira. Instituído-se com uma aparência de ações compensatórias da pobreza e das desigualdades sociais, “cria organismos responsáveis pela prestação de serviços destinados aos trabalhadores identificados como pobres, carentes, desamparados” (SPOSATI, 1998, p. 28).

Assim, no ano de 2004, a Política Nacional de Assistência Social-PNAS vai organizar a assistência social na direção da implementação do Sistema Único da Assistência Social-SUAS, um sistema descentralizado e participativo inserido no Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome-MDS (PNAS, 2004) para todo o território nacional. Instituído o SUAS, a sua lógica de gestão governamental visa garantir seguranças de sobrevivência, acolhida e convivência familiar; ele passa a regular e organizar as ações socioassistenciais. Cria-se a Proteção Social Especial-PSE de Média Complexidade que desenvolve um trabalho específico, onde sua proteção é dirigida às famílias e indivíduos em situação de direitos violados – relacionados à vivência de violência. Os serviços dessa proteção são executados pelo Centro de Referência Especializado da Assistência Social-CREAS, que é uma unidade pública de abrangência municipal ou regional onde são oferecidos os serviços especializados, ou melhor, o CREAS é a oferta pública dos serviços de média complexidade.

Esta proteção desenvolve serviços normatizados como especializados, e, conforme a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais, na Resolução nº 109 do CNAS de 2009, são ofertados: Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos (PAEFI); Serviço Especializado em Abordagem Social; Serviço de Proteção Social a Adolescentes em Cumprimento de Medida Socioeducativa de Liberdade Assistida (LA), e de Prestação de Serviços à Comunidade (PSC); Serviço de Proteção Social Especial para Pessoas com Deficiência, Idosas e suas Famílias; e Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua.

No caso dos CREAS pesquisados, CREAS Marco e CREAS Comércio, os mesmos possuem abrangência municipal de Belém e oferecem todos os serviços que configuram a Proteção Social Especial de Média Complexidade. Segundo a Norma Operacional Básica de Recursos Humanos do SUAS NOB-RH/SUAS, os municípios em gestão considerada plena, que oferecem todos os serviços, devem ter capacidade de atendimento de 80 pessoas. Belém, de acordo com seu porte por número de habitantes, grande porte e metrópole, deveria ter a cada 200.000 habitantes 01 CREAS (BRASIL, 2011). A estimativa seria de 07 CREAS para Belém, porém, hoje só existem 05 CREAS.

Quanto aos recursos humanos, a equipe de referência para municípios de grande porte, o caso de Belém, deve ser: 01 coordenador, 02 assistentes sociais, 02 psicólogos, 01 advogado, 04 profissionais de nível superior ou médio e 02 auxiliares administrativos.

Segundo a Resolução CNAS nº 17/2011, os profissionais reconhecidos normativamente para compor a equipe de referência do CREAS são: Assistente Social, Psicólogo e Advogado. Todavia, outras profissões podem compor a equipe objetivando o aprimoramento e qualificação dos serviços chamados pela política de socioassistenciais, são eles: Antropólogo, Economista Doméstico, Pedagogo, Sociólogo, Terapeuta Ocupacional e Musicoterapeuta. Na realidade do município de Belém, as profissões de referência, com formação no ensino superior, nos CREAS pesquisados, são 02 assistentes sociais, 02 psicólogas e 02 pedagogas.

Apresentamos, assim, o lugar desta pesquisa qualitativa que foi realizada nos espaços públicos da Prefeitura Municipal de Belém no Estado do Pará-Brasil, nos Centros de Referência Especializados da Assistência Social-CREAS. Segundo dados cadastrados no Censo SUAS (Sistema Único de Assistência Social) de 2014, estão registrados cinco CREAS em Belém. Definimos para amostragem dois CREAS: CREAS Manoel Pignatário, no bairro do Marco, e o CREAS Comércio, no bairro da Cidade Velha.

Buscamos compreender os sujeitos profissionais em relação às particularidades e potencialidades desse encontro entre diferentes profissões no espaço do CREAS, a guia da orientação da teoria social crítica, compreendendo o objeto no seu próprio movimento histórico, com suas determinações internas e externas. Portanto, o método propiciou uma aproximação preliminar ao conhecimento ontológico sobre a essência do objeto, ao capturarmos uma estrutura e dinâmica, por meio de procedimentos analíticos, e operarmos a sua síntese, a reproduzindo no plano do pensamento. Reproduzimos, no plano ideal, a essência do objeto que investigamos (NETTO, 2011), ou pelo menos conseguimos uma aproximação.

Foram usadas as técnicas de pesquisa documental, pesquisa bibliográfica e as técnicas de entrevistas semiestruturadas para a coleta de dados e análise de conteúdo para sistematização e análise dos dados.

Importante destacar, nesta metodologia, a escolha dos sujeitos significantes para a pesquisa, que foi realizada por uma amostragem de assistentes sociais, psicólogas e pedagogas, que compõem a equipe de trabalho de dois CREAS em Belém. Os sujeitos pesquisados são profissionais mulheres formadas em instituições de ensino localizadas em Belém-Pará, em sua maioria vem do ensino privado presencial, de uma metrópole da Amazônia. Essas vozes refletem a singularidade dos CREAS no Pará, e, também, expressam um conhecimento de suas formações específicas, Serviço Social, Pedagogia e Psicologia que irão encontrar-se em um serviço público da Prefeitura Municipal de Belém-PMB, compondo a Política de Assistência Social no espaço físico dos CREAS. São mulheres concursadas e com longo tempo de experiência profissional e de diferentes profissões, que possuem seus referenciais teóricos e metodológicos específicos.

Esta interação entre profissões, que compõem uma equipe interdisciplinar para atender a missão do Estado, apresenta algumas dificuldades ou obstáculos que foram apontadas pelas profissionais e traduzimos como algumas categorias que a seguir apresentamos:

➤ **Precarização do trabalho:** analisar a categoria empírica que foi unanimidade nos relatos e que traduzimos como a precarização do trabalho nos CREAS pesquisados nos leva à compreensão de que esta precarização:

[...] não se restringe às determinações imediatas do local de trabalho e do estatuto salarial propriamente dito. Precarização do trabalho implica determinações mediatas da vida cotidiana, direta ou indiretamente ligadas ao mundo do trabalho e que estão enredadas na vida pessoal de cada um (ALVES, 2009, p. 145).

As profissionais revelam as condições de precarização dos serviços oferecidos devido à grande demanda de atendimentos, sendo comum a inferência por maior número de recursos humanos, principalmente um aumento da equipe básica de profissionais da Pedagogia, Serviço Social e Psicologia que são os profissionais “âncora” dos atendimentos dos CREAS, em Belém.

Reproduzimos alguns dos dados comuns aos relatos sobre a precarização no trabalho:

[...] precisa ampliar o número desse recurso humano, ele é pouco pra demanda que chega [...] (PED 1).

[...] mas necessitaria de mais profissionais pra atender toda essa demanda que chega aqui entendeu? Então, nós somos uma equipe técnica reduzida né [...] (PED 2).

[...] a gente não tem tempo pra dar essa continuidade [...]. Aumenta a demanda, e aí essa qualidade perde, você tem perda nessa qualidade [...] (AS 1).

Desta forma, vimos reproduzidas na particularidade dos CREAS pesquisados, em Belém, uma classe de mulheres⁵ trabalhadoras que, apesar de em sua maioria serem funcionárias públicas efetivas – levadas a ter um segundo emprego – não estão isentas da realidade de exploração da sua força de trabalho. Quando relatam a grande demanda, poucos recursos humanos, equipe reduzida, falta de tempo, perda de qualidade, refletem a ação destrutiva contra a força humana de trabalho que, segundo Antunes (2011), “encontra-se hoje na condição de precarizada ou excluída”.

➤ **A relação entre profissões:** A relação entre profissões requer o trabalho em grupo, em equipe de trabalho multidisciplinar ou interdisciplinar, aqui, por tratarmos especificamente da Interdisciplinaridade, estamos falando de relações entre profissões nessa perspectiva. Portanto, essa exige um diálogo mais próximo, minucioso entre as profissões; um encontro e diálogo entre disciplinas (FAZENDA, 1996).

Dessa maneira, para desenvolver esse diálogo, essa aproximação, não há guias de orientações prontas, as profissionais dos CREAS absorvem o termo, a palavra interdisciplinar, porém os dados demonstram que nas suas intervenções e na relação entre as profissões dos CREAS essa palavra não é aprofundada como termo, conceito, prática ou perspectiva.

Observamos como comum aos dados, que a Interdisciplinaridade foi considerada apenas no momento em que as profissionais precisaram se reunir para algum atendimento, mas, na maioria das vezes, realizaram os atendimentos de maneira isolada, monodisciplinarmente. Assim, elas identificam os momentos que podem vir a ser um encontro e diálogo entre disciplinas, um trabalho interdisciplinar que chamam de *intervenção junto e atendimento psicossocial*.

Podemos inferir que a “intervenção junto” significa o atendimento em conjunto, e geralmente em dupla, ou seja, a psicóloga e a assistente social, a pedagoga e a assistente social, ou a psicóloga e a pedagoga. Seriam os acompanhamentos individual, familiar ou em grupo, o que as orientações técnicas chamam de acompanhamento especializado (BRASIL, 2011).

Nossa pesquisa buscou apreender como as profissionais identificavam a importância de seus conhecimentos específicos para o desenvolvimento do trabalho no CREAS. Obtivemos o seguinte: “[...] olha eu estou em processo o tempo todo de aprendizado aqui [...]” (PSI 2, 2015);

Porque cada profissional vai direcionar o seu olhar e dar os encaminhamentos necessários, tanto o psicólogo como o pedagogo como o assistente social, cada um tem o seu olhar específico dentro do seu atendimento e a partir dali ele dá os encaminhamentos (PED 2, 2015);

[...] nós estudamos todo o conhecimento, todo o conteúdo que é disponibilizado pra nós, nós saímos de lá com a certeza de que vai ser possível nós atuarmos em qualquer área, mas isso não nos limita, não nos impede, ao contrário, seja a área que nós formos atuar ao sairmos da academia nós vamos ter que estar sempre estudando, né [...] (AS 1, 2015);

[...] eu acredito que através dessa junção da procura teórica do conhecimento, reciclagens, eu acho, assim, que dá um reforço nesse saber profissional e mais essa questão do dia a dia, a prática, e quando existe alguma dificuldade quando existiu ou existe, eu procuro apoio das colegas, nós temos muito isto de conversarmos pra tirarmos dúvidas [...] (AS 2, 2015).

Algumas inferências sobre essas falas podem ser feitas, considerando o próprio conhecimento das profissionais sobre a sua intervenção profissional: olhar específico, processo de aprendizado conhecimento, conhecimento para atuar em qualquer área, procura de teoria e apoio da equipe. Identificamos que há uma predisposição das profissionais para desenvolver um bom diálogo, a fim de intervir no objeto comum de seu trabalho. Identificamos como comum nos relatos das profissionais pesquisadas a expressão de permanente busca do conhecimento, mas também verificamos que permanece o modelo de atendimentos multidisciplinares que se limita à convivência entre conhecimentos disciplinares para respostas imediatas nas demandas do trabalho.

Sobre como as profissionais compreendem os seus conhecimentos disciplinares para intervir na realidade, podemos dizer que o processo de elaboração do conhecimento sobre dado objeto apresenta algumas dificuldades: primeiro, pelos limites do sujeito que busca conhecer dada realidade, e, segundo, pela complexidade desta realidade e seu caráter histórico (FRIGOTTO, 2008). Pois, uma vez que esse processo de elaboração do conhecimento implica uma ação, um trabalho de construção do sujeito, esse, também, deve compreender que existem limites que se situam no campo da sua formação profissional.

Alguns dados sobre os conhecimentos disciplinares apareceram relacionados à formação profissional, exemplo disso é visto nos relatos das profissionais da pedagogia que expuseram não ter tido conhecimento sobre o campo da assistência antes de aprender com a prática do cotidiano do trabalho. Também, resumiram a sua intervenção ao acompanhamento escolar, demonstrando, assim, que alguns limites das relações entre disciplinas passam pelo campo da sua formação.

Considerando as respostas sobre a importância dos conhecimentos disciplinares, durante as entrevistas, apareceram alguns *conflitos entre profissões*:

[...] determinadas situações são específicas do assistente social. O papel do psicólogo na assistência na verdade é lidar mesmo com essas situações mais pessoais. A questão são as abordagens sabe? Parece que a gente, as pessoas aqui são as donas da verdade, dizem: não tem que fazer, não é assim, você não tem que fazer isso. Como assim? Não tem que dizer o que ela tem que fazer, o que ela não tem que fazer, eu estou falando do meu papel de psicóloga [...] (PSI, 2015).

[...] eu estou vivenciando agora com a segunda psicóloga e a gente tem um diálogo profissional, mas quando você vai para intervenção tem um pouco de conflito, mesmo porque, eu falo: se você vem de outra área para essa área que você não tem ainda experiência, você precisa pesquisar e estudar [...] (AS 1, 2015).

Dessa maneira, para aprofundar e analisar esse dado, fomos ao guia de orientações técnicas dos CREAS e verificamos que ele não separa as funções específicas de cada profissional no desenvolvimento do trabalho (BRASIL, 2011). O Conselho Federal de Psicologia aponta em suas orientações aos profissionais que atuam no campo da Assistência Social, que esta atuação ainda não está bem delimitada e existem confusões sobre o papel da Psicologia (CFP, 2012), fazendo com que algumas atribuições nos CREAS se confundam entre os assistentes sociais e psicólogos.

Portanto, o caminho na direção de uma perspectiva de Interdisciplinaridade exigirá mais discussões sobre as especificidades das intervenções e uma das suas características está na “intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas” (JAPIASSU, 1976, p. 74). Assim, os profissionais que se predispõem à Interdisciplinaridade, deverão possuir a intencionalidade da busca, na direção da intensidade da troca e integração. A “necessidade básica para conhecer e modificar o mundo é possível de concretizar-se no ensino, através da eliminação de barreiras entre disciplinas e entre pessoas” (FAZENDA, 1996, p. 57).

Não basta a intencionalidade ou a boa vontade para alcançar a Interdisciplinaridade. Faz-se necessário um domínio de conhecimentos específicos da formação disciplinar de cada profissão, pois questões referentes às competências e atribuições profissionais podem gerar discordâncias profissionais que podem se tornar obstáculos a uma intervenção interdisciplinar. A segurança de seus fundamentos teóricos e metodológicos possibilita uma abertura tranquila e segura para interagir com outras disciplinas e propor uma intervenção junta na realidade social.

Considerando o tempo de trabalho, talvez o tempo de convivência e experiência no trabalho proporcione que o relacionamento entre as profissionais seja mais suscetível ao diálogo e interação entre as diferentes abordagens, porém com caráter multidisciplinar. Não identificamos que este tempo de convivência e experiência nos CREAS pesquisados tenham concretizado a Interdisciplinaridade, um pressuposto de trocas disciplinares é fundamental na perspectiva de Interdisciplinaridade (FAZENDA, 2008).

Convergir metodologias no campo do espaço de trabalho que predispõe a Interdisciplinaridade requer algumas etapas ao processo: primeiro, constitui-se uma equipe de trabalho, um grupo com diferentes especialistas que possua uma organização e um objetivo comum; segundo, a equipe precisa acordar conceitos-chave que irão dividir uma mesma linguagem para a ação; terceiro, se estabelece uma situação específica sobre a qual se irá intervir; quarto, se dividem as tarefas, as responsabilidades que cabem a cada disciplina, suas funções e papéis para intervir na situação; e quinto, apresenta-se em conjunto os resultados do trabalho pelas disciplinas (JAPIASSU, 1976).

As profissionais ao serem indagadas se no CREAS existia um espaço para a Interdisciplinaridade informaram que existia alguns momentos de encontro para discussão e conversa sobre os casos atendidos; informaram que esse espaço se traduz nos momentos de conversa sobre os serviços, discussão de casos, reuniões de trabalho, momentos de discussão sobre as dificuldades de relacionamento da equipe,

atendimento psicossocial. Esses momentos foram considerados como interdisciplinares. Momentos em que as profissionais perseveram e se colocam em disponibilidade para a interação, e que esse tempo só é possível com a insistência ou perseverança das profissionais que se dispõem a preservar esses momentos de “conversa”.

O espaço mais citado como propício para a discussão em equipe é o momento do estudo de caso. O estudo de caso é considerado como o momento dominante de Interdisciplinaridade, momento em que as profissionais trocam experiências das suas formações profissionais. Assim, a análise das respostas nos leva a inferir que a *perspectiva de Interdisciplinaridade é comparada com conversa e discussão sobre a execução dos serviços, discussão dos acompanhamentos dos indivíduos e famílias atendidos, reuniões de equipe de trabalho.*

Porém, compreendemos que existem indícios de aproximações de práticas interdisciplinares, embora ainda não possuam coerência e consistência teórico-metodológica necessária à Interdisciplinaridade (FRIGOTTO, 2008).

Segundo Fazenda (1996), é necessário para o exercício de interdisciplinaridade uma atitude que busque a abertura de uma nova prática, uma ação intencional.

[...] Penso, decido e parto para agir; isto é atitude. Está relacionada, também, aos movimentos ocorridos na história de vida, baseada em vivências, intuições, desejos, conceitos, crenças e relações estabelecidas cotidianamente, ou seja, está intimamente ligada a minha identidade pessoal. Ao revelarmos a interdisciplinaridade como atitude, esta nos convoca a refletir sobre as possibilidades de uma ação que promova a parceria e a integração, e este movimento implica o difícil exercício do conhecer-se, [...] Necessitamos, para tanto, de um sentido de tempo e desejo, traduzindo-nos persistentes. A atitude, portanto, revela-nos uma ação onde se tem, previamente, uma consciência de si, refletida na consciência de algo; uma intencionalidade” (MIRANDA, 2008, p. 119-120).

Existe a intencionalidade na dominância das falas das profissionais, todavia, bem mais do que atitude ou intenção, consideramos importante tratar a Interdisciplinaridade dentro do tecido histórico que produz o conhecimento científico; e a intervenção na realidade com intencionalidade também exige considerar além das características tradicionais da Interdisciplinaridade: a capacidade de integrar diferentes conhecimentos disciplinares, reunir, fundir as dimensões particulares de uma intervenção conjunta podem ser consideradas dentro das mediações constituintes das relações sociais e econômicas para o desenvolvimento de uma práxis política (VÁZQUEZ, 2011).

Considerações finais

Temos, então, que os resultados desta dissertação demonstram que a prática profissional exercida nos CREAS é perpassada por duas perspectivas: a multidisciplinaridade enquanto existência real das relações entre profissões, e a interdisciplinaridade como possibilidade mais próxima do alcance das convergências e integrações entre as profissões no CREAS.

Portanto, como reflexão conclusiva, consideramos que a Interdisciplinaridade necessita ser pensada a partir de uma totalidade (crítico-histórico-dialética), na qual são necessárias condições objetivas, sociais e históricas para a sua concretude. Não há como determinar uma forma do interdisciplinar, visto que ela se desenvolve em particularidades da história social, na materialidade, não é conhecimento absoluto, mas princípio norteador a uma realidade (JANTSCH; BIANCHETTI, 1995).

A realidade de trabalho nos CREAS apresentou contradições de uma disciplinarização e fragmentação das Ciências Sociais; alguns problemas e conflitos apareceram entre as profissões que

verificamos como obstáculos às relações de encontro e troca entre os conhecimentos profissionais, no domínio das diferentes abordagens teóricas.

Analisar o conjunto requer compreender que estas relações em conjunto no trabalho são produtos de condições históricas e possuem limites e determinações dentro de condições específicas, e as formas de ser determinadas nesta sociedade capitalista exigem um serviço público que se proponha a ser um espaço de intervenção interdisciplinar pertencente ao Estado, portanto, não podemos incluir a interdisciplinaridade numa reflexão sobre o contexto da prática profissional entre profissões, considerando-a como um meio de passagem a uma forma evolutiva do conhecimento, mas considerá-la como um processo histórico que pode possibilitar produção de conhecimento nas relações entre as profissões que visem transformações sociais e que proporcionem novas práticas, por meio de uma perspectiva de Interdisciplinaridade crítica e com fundamento na história.

Este estudo, também, leva-nos a uma aproximação provisória para significar que nesse contexto da prática profissional a perspectiva da interdisciplinaridade pode proporcionar aberturas entre profissões que levem:

- Ao diálogo aprofundado entre diferentes profissões que culmina para uma convergência e uma complementaridade entre as mesmas;
- A uma integração de conhecimentos específicos para uma intervenção na realidade;
- A uma “práxis” compartilhada e interativa na intencionalidade do desenvolvimento do ser social, que pode ser política.

Nas aproximações de práticas interdisciplinares dos CREAS em Belém, vimos que algumas condições objetivas dificultam o processo da interdisciplinaridade. Assim, o importante é que não fragmentar os sujeitos atendidos nos CREAS, mas considerar que por meio da interdisciplinaridade é possível a intencionalidade do desenvolvimento do ser social numa direção comum à integração das profissões. Destarte, consideramos que existe uma abertura na direção do diálogo entre assistentes sociais, psicólogas e pedagogas nos CREAS.

Como assistente social, ao realizar esta pesquisa, pudemos verificar que a dificuldade de tempo no trabalho para refletir a prática profissional em conjunto com as outras profissões exige, além de uma disponibilidade subjetiva, uma condição favorável no trabalho que requer que a gestão oportunize o tempo para o encontro e diálogo, do *inter*, do *fazer-com-o-outro*.

Significa analisar a perspectiva da interdisciplinaridade como um *fazer-com-o-outro*, uma forma de compreender e explicar o mundo. Portanto, não sendo fixas as relações homem e mundo, as relações em um dado espaço profissional também requerem um olhar múltiplo e uno sobre a realidade na qual pretendemos intervir.

E nesse mundo em movimento existe uma luta de contrários, uma tensão entre opostos, lados diferentes:

Enganam-se, pois, os que supõem que a realidade é tranquila e inerte. Ela é inquieta e móvel, tensa, concordante porque discordante, e da guerra nasce a ordem ou o cosmo, equilíbrio dinâmico de forças contrárias que coexistem e se sucedem sem cessar. A unidade do mundo é sua multiplicidade. Tudo é um porque o um é tudo ou todas as coisas (CHAUI, 2002, p. 82).

Portanto, há uma coexistência entre conhecimentos sobre o mundo. E estes, mesmo sendo diferentes, contrários, e mesmo contraditórios, poderão desenvolver uma unidade na multiplicidade. A interdisciplinaridade possibilita essa coexistência, sendo o lugar onde o uno se torna múltiplo e o múltiplo, também, volta a ser uno.

Referências

- ALVES, Giovanni. **A condição de proletariedade**: a precariedade do trabalho no capitalismo global. Londrina: Práxis, 2009.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BARROCO, M. L. S. **Ética e serviço social**: fundamentos ontológicos. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Política Nacional de Assistência Social – PNAS**. Brasília: Senado Federal, 2004.
- _____. **Resolução nº 17**, de 20 de junho de 2011. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Conselho Nacional de Assistência Social. Brasília, 2011.
- _____. Ministério do Desenvolvimento Social e combate à Fome. **Caderno de orientações técnicas**: Centro de Referência Especializado de Assistência Social-CREAS. Brasília: Brasil LTDA., 2011.
- CHAUÍ, M. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- COUTINHO, Carlos Nelson. **O estruturalismo e a miséria da razão**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- FAZENDA, I. C. A. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro**: efetividade ou ideologia? São Paulo: Loyola, 1996.
- _____. **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. **Revista do Centro de Educação e Letras**, UNIOESTE-Campus Foz do Iguaçu, v. 10, n. 1, p. 41-62, 1º sem. 2008.
- JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- JANTSCH, A.P.; BIANCHETTI, L. (Orgs.). **Interdisciplinaridade**: para além da filosofia do sujeito. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.
- LOWY, M. **Ideologia e ciência social**: elementos para uma análise marxista. 19. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MIRANDA, Raquel Gianolla. **Tecnologias, Educação e seus sentidos**: O movimento de um grupo de pesquisa sobre Interdisciplinaridade – GEPI. São Paulo, 2008. 173 pp. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.
- NETTO, J. P. Razão, ontologia e práxis. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo: Cortez, ano XV, n. 44, 1994.
- _____. Notas sobre marxismo e serviço social, suas relações no Brasil e a questão do seu ensino. **Caderno ABESS**, n. 4, São Paulo: Cortez, 1991.
- _____. **Introdução ao estudo do método em Marx**. 1. ed. São Paulo: Expressão popular, 2011.
- POMBO, O. **Conferência**: Congresso Luso-Brasileiro sobre Epistemologia e Interdisciplinaridade na Pós-Graduação. Porto Alegre, Brasil, Universidade Pontifícia do Rio Grande do Sul, 21, 22 e 23 jun. 2004.
- _____. **Revista do Centro de Educação e Letras da Unioeste**, Campus de Foz do Iguaçu, v. 10, n. 1, p. 9-40, 1º sem. 2008.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 2. ed. São Paulo: Afrontamento, 1988.
- SPOSATI, Aldaíza de Oliveira et al. **A assistência na trajetória das políticas públicas brasileiras**: uma questão em análise. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- VASCONCELOS, Eduardo Mourão. **Serviço social e interdisciplinaridade**: o exemplo da saúde mental. In: Saúde Mental e Serviço Social: o desafio da subjetividade e da interdisciplinaridade. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- VÁSQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. 2. ed. Buenos Aires: Clacso/São Paulo. Expressão Popular, 2011.

¹ Pós-modernidade: “linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão”. Ver EAGLETON, Terry. As ilusões do pós-modernismo.

² Adotada no Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, Convento de Arrábida, Portugal, 1994. Comitê de redação: Lima de Freitas, Edgar Morin e Basarab Nicolescu.

³ A práxis é conceito amplo e complexo, não teremos espaço para explicitá-la neste trabalho, sugerimos a leitura de VÁSQUEZ (2011) em Filosofia da práxis.

⁴ Cf. BRASIL. Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS. Disponível em: http://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/simulacao/status_censo_2016/relatorio2016.php#. Acesso em: 25 set. 2016.

⁵ As entrevistadas foram todas profissionais mulheres e do ensino superior.